

AS VEREDAS DO SERTÃO ROSIANO

Luiz Otávio Savassi Rocha *

Não obstante toda sua complexidade, o romance **GRANDE SERTÃO:VEREDAS** (GS:V) de **João Guimarães Rosa** pode ser visto, em última análise, como um longo monólogo (ou «monólogo-diálogo») do ex-jagunço Riobaldo, diante de um interlocutor bem mais culto e instruído que se hospeda em sua fazenda por uns poucos dias. O encontro com o interlocutor oferece a oportunidade para a confissão de Riobaldo,¹ na medida em que aquele assume uma atitude **empática**:²

1. O jagunço Riobaldo, moço, seria o **homo actuandi** («quem mói no aspr'o não fantaseia») e o velho Riobaldo o **homo cogitandi** («Mas, agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos dessossegos, estou de range rede. E me inventei neste gosto, de especular idéia»). A substituição do primeiro pelo segundo faz surgir a narrativa, proporcionando a transformação da travessia geográfica pelo sertão em travessia do próprio ser, espaço de revisão do vivido e tentativa de captar o significado «do que houve e do que não houve» — não obstante o pressentimento de que «a vida não é entendível».
2. «A **empatia** envolve penetrarmos sob a pele de outra pessoa e vermos o mundo com seus olhos. Os índios se referiam a «andar com o sapato do outro antes de julgá-lo». A empatia envolve experienciar o mundo de outra pessoa como se fôssemos essa pessoa». Em: Robert Carkhuff — O relacionamento de ajuda, Cedepe Editora, Belo Horizonte, 1976.

* Professor Assistente do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da UFMG.

«O senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho. Mas, talvez por isso mesmo. Falar com um estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo».

(GS:V, pg. 33)

«Sendo isto. Ao doido, doideiras digo. Mas o senhor é homem sobrevivendo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda. Assim é como conto. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença».

(GS:V, pg. 79)

«O sério pontual é isto, o senhor escute, me escute mais do que eu estou dizendo; e escute desarmado».

(GS:V, pg. 86)

Como o interlocutor não interfere uma única vez na longa narrativa, permanecendo mudo todo o tempo, cabe ao próprio Riobaldo encontrar soluções para seus problemas existenciais e sua grande inquietação, devendo fazê-lo apenas com os recursos de que dispõe:

«Ah, aquele dia me carregou, abreviei o poder de outras aragens. Cabeça alta, digo. Esta vida está cheia de ocultos caminhos. Se o senhor souber, sabe; não sabendo, não me entenderá. Ao que, por outra, ainda um exemplo lhe dou. O que há, que se diz e se faz — que qualquer um vira brabo corajoso se puder comer cru o coração de uma onça pintada. É, mas, a onça, a pessoa mesma é quem carece de matar; mas matar à mão curta, a ponta de faca».

(GS:V, pg. 119)

Isto posto, parece pertinente a opinião do escritor e psicólogo **Dante Moreira Leite**³ quando sustenta que o **Grande Sertão: Veredas** deve ser entendido como a «sessão psicanalítica de Riobaldo» e afirma que «o romance somente adquire sentido diante do interlocutor» (ao que, por extensão, seria lícito acrescentar: e/ou diante do próprio leitor).

* * *

Em ensaio publicado na revista **Diálogo** (novembro de 1957) assim se expressou o crítico literário **Antônio Cândido**:

«Na extraordinária obra-prima, **Grande Sertão:Veredas**, há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo, impecavelmente realizado. Cada um poderá abordá-la a seu gosto, conforme o seu ofício; mas em cada aspecto aparecerá o traço fundamental do autor: a absoluta confiança na capacidade de inventar».

Com efeito, o «saber ler» a que se refere Antônio Cândido torna-se imperativo já a partir do título do livro; isto porque a maioria dos leitores desconhece o significado da palavra **vereda**, no sentido em que a emprega Guimarães Rosa. Pois **vereda**, no contexto rosiano, e ao contrário do que geralmente se supõe, não é caminho — é **OASIS**. Movido por dúvida semelhante, o professor **Edoardo Bizzarri**, incumbido de verter para o italiano as novelas de **Corpo de Baile**, escreveu a Guimarães Rosa pedindo-lhe sua «definição de vereda» e adiantando que procuraria introduzir a palavra em sua própria língua, como indicativa de uma realidade típica e intransponível». ⁴ A resposta dada por Guimarães

3. **Dante Moreira Leite** (já falecido) foi discípulo de **Fritz Heider**, de quem traduziu o livro *The Psychology of Interpersonal relations*.

4. **Edoardo Bizzarri** cumpriu o prometido como se pode comprovar reproduzindo o parágrafo inicial — «poético-didático» — da versão italiana da novela *Cara de Bronze* (do livro *No Urubùquaquá, no Pinhém*):

«Nell'Urubùquaquá. Le campagne dell'Urubùquaquá — montagne, sprofondi e acquitrini dell'Urucúia. Nell'Urubùquaquá, fazenda di bestiame: la maggiore — lá in mezzo — una magnificenza di terra. Era stato un luogo, luoghi, di machioni spessi, di foresta scura, che dà

Rosa ⁵ constitui bela página literária que vale como verdadeiro documento — e advertência — num tempo em que se assiste, no Brasil, a uma progressiva e irresponsável depredação da exuberante flora e fauna nativas: ⁶

«Você sabe, desde grande parte de Minas Gerais (Oeste e sobretudo Noroeste), aparecem os «Campos Gerais», ou «gerais» — paisagem geográfica que se estende pelo Oeste da Bahia e Goiás (onde a palavra vira feminina: as gerais ?), até ao Piauí e ao Maranhão.

valore al terreno. E adesso era divenuto pascoli, di bovini. Il bestiame. Questo mondo, che eccede i limiti dei luoghi. Tutto all intorno, senza fine, si estendevano i Gerais: tavolieri accidentati e tavolieri piatti, dei pianori, dove c'è la rena; fino al verde sporco di alberi rachitici, sterpeto e brughiera — un'erba ruvida, che bocca d'asino o di bue ricusa; e acqua e allegro terreno erboso vivace solo negli avvallamenti delle veredas, ognun d'essi riflettendo, bordeggianti, il sassofrasso profumato, la buritirana spinosa, e i buritis, i ciuffi di palmeto di buritis, i palmeti di buritis, i palmeti di buritis, i buritis beventi. La sull'altopiano, chi viaggia è solo un piccolo uomo a cavallo, piccoletto, curvo sempre sull'arcione e sulla criniera corta del cavallo — un cavallino sauro, senza nome, chiamato solo Spezza Coco. Va l'omino a cavallo, maneggiando miseria, nascoti gli occhi a quel che c'è davanti, che è lo stesso di una lontananza — e il cielo una polvere azzurra e pappagalli che volano. I Gerais del tuono, i Geral del vento».

5. Em: **João Guimarães Rosa. Correspondência com o tradutor italiano.** Instituto Cultural Italo-Brasileiro, São Paulo, 1972 (edição limitada de apenas 1.000 exemplares). Recentemente a Editora T A Queiroz lançou uma edição comercial dessa correspondência destinada aos interessados na exegese da obra rosiana.
6. Os interessados em conhecer com mais detalhes as características do frágil ecossistema das veredas, as razões pelas quais elas estão ameaçadas em sua sobrevivência e o que poderia ser feito para impedi-lo, encontrarão subsídios valiosos em: **João Paulo Campello de Castro — As veredas e sua proteção jurídica,** Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, 10(5/6) pgs. 321-333, maio-junho de 1980; e ainda em **Dirce R. de Melo — Contribuição ao estudo geomorfológico das veredas,** Instituto de Geociências da UFMG, Belo Horizonte, 1978.
7. «Pelo que, do trecho, voltamos. Para mais poente do que lá, só urubùretamas. E o caminho nosso era retornar por essas gerais de Goiás — como lá alguns falam. O retornar para estes gerais de Minas Gerais».

GS:V, pg. 401

O que caracteriza esses GERAIS são as **chapadas** (planaltos, amplas elevações de terreno, chatas, às vezes serras mais ou menos tabulares) e os **chapadões** (grandes, imensas chapadas, às vezes séries de chapadas). São de terra péssima, vários tipos sobrepostos de arenito, infértil (Brasília é uma típica chapada...). E tão poroso, que, quando bate chuva, não se forma lama nem se vêem enxurradas, a água se infiltra, rápida, sem deixar vestígios, nem se vê, logo depois, que choveu. A vegetação é a do cerrado: arvorezinhas tortas, baixas, enfezadas (só persistem porque têm longuíssimas raízes verticais, pivotantes, que mergulham a incríveis profundidades⁸). E o capim, ali, é áspero, de péssima qualidade, que, no reverdecer, no tempo-das-águas, cresce incrustado de areia, de partículas de sílica, como se fosse vidro moído: e adoce por isso, perigosamente, o gado que o come. Árvores, arbustos e má relva, são, nas chapadas, de um verde comum, feio, monótono.

Mas, por entre as chapadas, separando-as (ou, às vezes, mesmo no alto, em depressões no meio das chapadas) há as **veredas**. São vales de chão argiloso ou turfo-argiloso, onde aflora a água absorvida. Nas veredas, há sempre o buriti.⁹ De longe a

-
8. Ressalte-se, também, que essas árvores do cerrado apresentam cascas espessas e ricas em cortiça, além de folhas protegidas por pelos ou verniz — mecanismos adaptativos que as protegem contra a perda de água, garantindo sua sobrevivência mesmo no período da seca.
 9. O buriti (*Mauritia vinifera* M.) é uma palmeira cujas folhas se dispõem em leque e cujo fruto consiste numa drupa elipsóide, acastanhada, de 3 a 5 cm de diâmetro, escamoso-imbricada, sendo as escamas unidas entre si; o fruto («coquinho de buriti») contém uma polpa vermelho-amarelada que envolve uma semente ovóide, de consistência dura, no interior da qual encontra-se amêndoa comestível; o caule (espique) pode chegar a 100 ou 120 pés de altura. Segundo o naturalista M. Pio Corrêa (*Diccionario das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1926, vol I) — «além de ser a mais alta de nossas palmeiras é também uma das mais elegantes, vegetando isolada ou socialmente em pequenos grupos (buritizais) de preferência nos terrenos pantanosos, justificando o nome de «palmácea dos brejos», que lhe dão alhures; a sua presença no alto das serras indica também (e com absoluta segurança) a existência aí de fontes de água. O lenho do espique é leve e esponjoso,

gente avista os buritis, e já sabe: lá se encontra água. **A VEREDA É UM OASIS.** Em relação às chapadas, elas são, as veredas, de belo verde-claro, aprazível, macio. O capim é verdinho-claro, bom. As veredas são férteis. Cheias de animais, de pássaros.

As encostas que descem das chapadas para as veredas, são em geral muito úmidas, pedregosas (de pedrinhas pequenas no molhado chão claro), porejando agüinhas: chamam-se **resfriados**. O resfriado tem só uma grama rasteira, é nítida a mudança de aspecto da chapada para o resfriado e do resfriado para a vereda. Em geral, as estradas, na região, preferem ou precisam de ir, por

utilizado pelos sertanejos para fazer as «talas» necessárias à coleta do látex das seringueiras; sua medula fornece uma fécula análoga ao sagu a qual entra na alimentação cotidiana dos aborígenes. Ainda o espique, bem como os espádices (estes antes de desabrocharem as flores) fornecem, por incisão, um líquido adocicado e de cor rosa contendo cerca de 50% de glicose o qual é agradável e refrigerante e por vezes saciou a sede dos soldados brasileiros durante a guerra com o Paraguai; esse líquido, devidamente fermentado, transforma-se numa bebida vinhosa («vinho do buriti») geralmente apreciada. O broto terminal é comestível, constituindo saboroso «palmito»; o pecíolo ou bainha das folhas serve para ripas e para construção de jangadas e as folhas para cobertura de ranchos, sendo que destas se extraem fibras resistentes com as quais são feitas redes, esteiras e cordoalha; o fruto fornece óleo comestível («óleo de buriti»), transparente, de cor vermelho-sangüínea e cujo peso específico é de 0,890 (Peckolt), recomendável também para envernizar e amaciar peles e couros; finalmente a polpa dos frutos é oleaginosa, feculenta e adocicada, servindo para a confecção de um alimento endurecido e próprio para longas viagens e também para a de uma conserva ou pasta doce («saieta» ou «doce de buriti») objeto de comércio em certas zonas. Essa mesma polpa, amolecida com água fria ou quente, constitui, em épocas de escassez, que às vezes são bem prolongadas, o recurso quase único das populações que demoram em certos pontos do extenso habitat da planta. «De acordo com os cientistas JB von Spix e CFP von Martius (viagem pelo Brasil, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1932, vol 2) que percorreram o Brasil colônia durante três anos e meio (de 1817 a 1820) todas essas utilidades tornaram sagrada para o sertanejo a preciosa árvore a ponto de em algumas regiões como, por exemplo, em São Romão (M.G.) ser costume «dar-se em dote, à filha, um certo número de buritis».

motivos óbvios, contornando as chapadas, pelos resfriados,¹⁰ de vereda em vereda. (Aí, talvez, a etimologia da designação: **vereda**¹¹).

Há veredas grandes e pequenas, compridas ou largas, veredas com uma lagoa; com um brejo ou pântano; com pântanos de onde se formam e vão escoando e crescendo as nascentes dos rios,¹² com brejo grande, sujo, emaranhado de matagal (**Marimbú**); com córrego, ribeirão ou riacho.¹³

-
10. «Assim pois foi, como conforme, que avançamos rompidas marchas, duramente no varo das chapadas, calcando o sapê brabão ou areias de cor em cimento formadas e cruzando somente com gado transeunte ou com algum boi sozinho caminhador. E como cada **vereda**, quando beirávamos, por seu resfriado, acenava para a gente um fino sossego sem notícia — todo buritizal e florestal —: ramagem e amar em água». (GS:V, pg. 233).
 11. De acordo com Silveira (1967) em seu **Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa** a designação **vereda** seria originária do latim tardio **veredus**, significando **cavalo de posta**, isto é, o cavalo que servia aos mensageiros para levar os bilhetes, as cartas, os avisos, enfim, o correio. O nome do cavalo, posteriormente, passou a ser aplicado à estrada por ele percorrida e, desde então, **vereda** passou a significar caminho estreito, atalho, picada, senda. Como as estradas, nos «gerais», precisam ir, por motivos óbvios, de vereda em vereda, contornando as chapadas, talvez resida aí o motivo de se aplicar às **veredas** (entendidas como áreas de exsudação dos lençóis freáticos, ornamentadas pelos buritis e cheias de animais e pássaros) o nome dos atalhos e caminhos que as unem entre si.
 12. «Dali para cá o senhor vem, começos do Carinhanha e do Piratinga, filho do Uruçuia — que os dois, de dois, se dão as costas. Saem dos mesmos brejos — buritizais enormes. Por lá, sucuri geme» (...) «Daí, longe em longe, os brejos vão virando rios. Buritizal vem com eles, buriti se segue, segue. Para trocar de bacia o senhor sobe por ladeiras de beira-de-mesa, entra de bruto na chapada, chapadão que não se devolve mais. Água ali nenhuma não tem — só a que o senhor leva. Aquelas chapadas compridas cheias de mutucas ferrojando a gente». (GS:V, pg. 27).
 13. Segundo o Prof. **Oswaldo Costa** (da Faculdade de Medicina da UFMG) as **veredas** são as «caixas d'água do cerrado» e constituem uma peculiaridade da bacia hidrográfica do Rio São Francisco o qual «nasce simbolicamente na Serra da Canastra» sendo, no entanto, as **veredas** — «quais lobas romanas, as suas nutrizes de sustentação».

Em geral, os moradores dos «gerais» ocupam as veredas, onde podem plantar roça e criar bois. São os **veredeiros**. Outros, moram mesmo no alto das chapadas, perto das veredinhas ou veredas altas, que, como disse, também há, nas chapadas: estes são os «**geralistas**» propriamente ditos (com relação aos veredeiros, isto é, em oposição aos veredeiros). Mas o nome de **geralista**, abrange, igualmente, a todos: os veredeiros e os geralistas propriamente ditos. Quem mora nos gerais, seja em vereda ou chapada, é geralista. Eu, por exemplo. Você agora, também.

Nas veredas há às vezes grandes matas, comuns. Mas o centro, o íntimo vivinho e colorido da vereda, é sempre ornado de buritis, buritiranas,¹⁴ sassafrás e pindaibas, à beira da água. As veredas são sempre belas!».

* * *

Uma vez entendido o significado de vereda no contexto do romance rosiano, chama logo a atenção a presença dos **dois pontos** entre os elementos do título. Acredita-se que o referido sinal gráfico tenha valor adversativo na medida em que estabelece a oposição entre o **SERTÃO** — imensa realidade inabrangível onde tudo parece estar fora de foco, caos ilimitado que não se deixa conhecer, e as **VEREDAS** — suas mínimas parcelas acessíveis:

«Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas — e só essas poucas veredas, veredazinhas».

(GS:V, pg. 79)

Assim, pois, ter-se-ia, de um lado, o **SERTÃO** — a representar não apenas uma realidade geográfica inóspita e ameaçadora, mas

14. A buritirana (*mauritia aculeata* H B K) ao contrário do buriti (*Mauritia vinifera* M) apresenta o espique espinhoso, armado de fortes acúleos cônicos. (Na novela *A estória de Lélío e Lina* do livro *No Urubùquaquá, no Pinhém*, a quadrinha do cantador registra a diferença: «Te vejo só no domingo, padeço toda a semana; uma coisa é buriti, mas outra é buritirana...»).

simultânea e alternadamente a representar o interior indomável e incognoscível do ser humano («o sertão é dentro da gente») e, neste sentido, valendo como símbolo do **INCONSCIENTE**; em meio ao **SERTÃO**, aqui e acolá, à guisa de oásis e de consolo, as **VEREDAS** — a representar não apenas uma realidade geográfica aprazível e acolhedora mas também a exercer, em outro nível, a função de símbolo do **CONSCIENTE** — um pouco de luz em meio à escuridão.